

"Queremos a dignidade de nossa filha"

TRAGÉDIA NA POLÍCIA

Mergulhado em dor, Aldair Drumond busca respostas para o suicídio da filha Rafaela e acredita que as denúncias de assédio na delegacia em que ela trabalhava serão elucidadas

"Estamos destruídos", diz pai sobre morte da escrivã

Primo Faria

A escrivã Rafaela Drumond trabalhava em delegacia de Criminalidade e relatou assédio moral e sexual em áudio e vídeos



ENTENDA O CASO

A escrivã Rafaela Drumond, de 31 anos, tem a própria vida no dia 9. Ela estava no caso dos pais, no cidade de Antônio Carlos, no Região do Campo das Vertentes

O Sindicato dos Escrivães da Polícia Civil de Minas Gerais (Sindep-PCJ) denunciou que ela sofreu assédio moral e sexual, além de sobrecarga no trabalho. A denúncia é sustentada por áudios e vídeos postados pela escrivã em redes sociais e em trechos de mensagens de texto com amigos. O sindicato disse ainda ter informações de que há "outros colegas sob pressão semelhante".

Rafaela trabalhava em uma delegacia da Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG) em Carandá e, nos últimos meses, familiares perceberam mudanças em sua personalidade, detectando que estava mais retratada e isolada. Questionado pelos pais, ela explicou o motivo ao falar de estar estudando para um concurso de delegado da Polícia Civil, segundo os familiares.

A Coordenadora da Polícia Civil obteve um inquérito para investigar as denúncias de assédio. No dia 31, o Conselho de Legacia Pública do Assessoria Legislativa de Minas Gerais aprovou um requerimento para a convocação de servidores de governo. Zena e o delegado-chefe do PCMG, Leticia Gamboa Iório, para prestarem esclarecimentos.

No último quarto-feita, o pai de Rafaela, Aldair Drumond esteve em Belo Horizonte, fazendo um protesto solitário no Centro da cidade. Além de cobrar respostas nos investigações, ele também pediu segurança para sua família e disse estar passando por situações de estresse.

No sexta-feira, a Polícia Civil transferiu o delegado e um investigador do unidade de Carandá para Conselhoheio Lafaiete. Significa que a investigação está

andando é um primeiro passo", disse Aldair. A instituição também informou que a reportagem assumiu as investigações. Escreva um dos principais pontos da pai de Rafaela, para que as apurações não ficassem a cargo apenas da delegacia local. "A família queria que fosse feito em Belo Horizonte, então, como foi para lá, a família sente que terá uma apuração transparente. Acreditamos que há profissionais sérios que vão saber separar o joio do trigo. Agora está nas mãos deles", disse.

No último quarta-feira, Aldair esteve em Belo Horizonte, fazendo um protesto solitário no Centro da cidade. Além de cobrar agilidade nas investigações, ele também pediu segurança para sua família e disse estar passando por situações de estresse. "Minha filha falou que alguns policiais rondavam a casa dela. Pode ser que tenha algum tipo de pressão. Por isso me manifestei. Apesar de a investigação estar na corregedoria não quer dizer que a gente esteja seguro. Eu acredito que eles vão ver o que aconteceu, elucidar o caso. Queremos a dignidade de nossa filha", afirmou.

ROTIMA DE BRIGAS Áudios aos quais a reportagem do Estado de Minas teve acesso mostram uma rotina de trabalho contrabida, com denúncias de assédio moral e sexual dentro da delegacia de Polícia Civil de Carandá onde Rafaela tra-

balhava. Ele se matou no dia 10 deste mês, após meses de reclamações sobre os colegas de trabalho. Em uma das mensagens enviadas para uma amiga, Rafaela detalha como foi uma discussão com o delegado da unidade policial. A brigada teria começado por causa de um pedido de mudança na escala de folgas, uma das principais reclamações da escrivã quanto trabalhava. "Ela falou que eu tinha combinado com isso, falando que estava de impieddade. Ele disse que eu não gostei de receber ordens. Mas não é isso que estava implicando por causa do carimão", disse.

A infidelidade com a relação com o delegado continua em outra mensagem. A escrivã conta como foram os dias seguintes à

briga. "O delegado é aquele tipo de pessoa que gosta de colocar o terror psicológico, gosta de atacar. E eu não abro quando estou certa, por isso toda essa confusão. Tenho vontade de não voltar lá. Ele colocou tanto terrorismo em cima de mim que eu não aguentei. Quando estou certa, eu rebato. Agora, já percebi. Vou chegar lá só e fazer minha parte", relatou.

Elá também reclamaria das escalas de trabalho e da falta de folgas. "Ele ficou dando em cima de mim. Eu vou porque que foi beber depois da delegacia, pessoal tinha mandado disso, de fazer uma carne. Ele começou a falar na minha cabeça, e eu ficava com cara de deboche, não respondia coisa grossa. De repente ele falou que polícia não é lugar de mulher. No fim das contas, ele me chamou de pirata", disse ela em um dos áudios que circulam nas redes sociais.

A reportagem também encontrou em contato com a Polícia Civil, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

"Eu acredito que eles vão ver o que aconteceu, elucidar o caso. Queremos a dignidade de nossa filha"

Aldair Drumond, pai da escrivã Rafaela Drumond

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 9